N.º 83 (2.º) — (205) — 4.º ANNO Terça-feira, 11 de Junho de 1912 Preço 20 Rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR | ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO | ARMANDO FERREIRA

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO nas OFFICINAS DO ZÉ
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Successor do jornal O XUÃO Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81

Endoidecem o pobre vélhote...

Casa onde não ha pão, todos largam sentenças e ninguem tem razão...

Fitas corridas

Propositadamente não nos referimos no passado numero d'*O Zé* á gréve do pessoal dos electricos e bem andámos em retardar a nossa opinião, porque assim mais ponderadamente fallaremos.

E' conhecida a origem do movimento: um rasgo de solidariedade e bôa camaradagem, só reprovado por aquelles para quem a solidariedade e bôa camaradagem representam dois obstaculos no caminho das suas ambições. Gréve sympathica, se a considerarmos debaixo d'este ponto de vista, é-o ainda quando olhamos os fins que se propõe alcançar.

O maior argumento que os adversarios d'esta gréve encontram para bóde expiatorio das suas discussões é aquelle onde barafustam que os grévistas nas suas exigencias não deviam ir além da readmissão dos operarios despedidos, furtando-se a augmentos de salarios. Quem assim fala, ou não percebe muito de reivindicações operarias ou convém-lhe fallar assim. Quando se faz uma gréve, tenha ella a origem que tivér, o augmento de salarios é das primeiras coisas que se põe em jogo, porque isso representa um progresso na situação do operario. Apontem-nos as gréves, mesmo as de origem minima, onde este facto não se produza e verão que o numero não é sufficiente para desfazêr uma regra.

Exige o pessoal da Companhia a melhoria dos seus vencimentos? Tanto melhor, porque não se dirá assim que uma classe se agitou por coisa pouca, nem de futuro os grévistas se arrependerão do tempo desperdiçado em beneficio da sua situação.

E' verdade que, depois da proclamação da Republica, já por duas vêzes foi augmentado o salario dos empregados da poderosa companhia.

Mas que tem isso de extraordinario? Devemos, por esse motivo, obstar a que os grévistas multipliquem os seus esforços na ancia de melhór situação economica? Parece-nos que não. A lucta pela vida é uma regra geral e no caso d'hoje não representa uma soffreguidão, pois apesar da Companhia têr sempre na bocca os oitocentos e trinta que dá aos seus empregados, estes são multados frequentemente, resultando d'aqui muitas vêzes a reducção de um terço dos seus vencimentos.

Em taes circunstancias é a gréve ainda bastante sympathica, excepto...para o gigante de Santo Amaro.

Até aqui temos fallado dos interesses dos grévistas. Agóra vamos aos nossos, aos do publico, em geral.

Sob este ponto de vista, a gréve traz-nos beneficios, muitos beneficios mêsmo.

Os carros electricos são muito bonitos e muito bem tratados, sem duvida. Mas nós pagamo-los com lingua de palmo! A não sêr nas linhas onde a Companhia encontra a concorrencia do Jorge, os preços das carreiras são elevadissimos, apesar de virem de longe as promessas de diminuição.

Não temos agóra motivo para nos regosijarmos um boccadinho? Bem sabêmos que o abálo nos cofres não deve sêr grande coisa, dado o estomago do possante syndicato, mas uma picada no lombo, de vêz em quando, é um bêllo remedio para a teimosia!

E depois temos a maneira pouco sincera e muito bruta como a Companhia tratou a Camara Municipal. Será talvêz educação inglesa, o que não impede que os portuguêses, se lhes chegar a veneta da comparação, mostrem a sua maneira de tratar muito *portuguêza*... Com o fôgo não se brinca e já dizia, não sabemos quem, que cada um na sua casa manda como um rei. Portugal, por emquanto, é dos portuguezes e não se lembre a companhia de lhe tocar com o dedo enfarruscado nas compridas barbas brancas, porque isso seria brincar demais.

O contrato, essa boa prenda que uma vereação-burla nos deixou é ainda a columna onde a companhia se firma para dar com os tacões nos peitos do Zé. Mas a companhia deve sabêr, que, em condições especiaes de *temperatura*, o contrato não passa d'umas folhas de papel, selladas, assignadas... e rasgadas com facilidade.

O espaço não nos deixa disêr mais coisas nem a indole do jornal se comporta bem com a seriedade do assumpto. Todavia não deixamos de assignalar que os grevistas se tem conduzido magnificamente e se algumas effervescencias tem havido, ellas se devem ás provocações da companhia.

Mas a estas provocações devia responder o povo. Era elle quem devia fazêr gréve. Não se mettêr nos carros quando estes saissem, guiados por novo pessoal, porque Camara, grevistas e povo tem sido provocados comgaudio do syndicato.

Infelizmente, isto é irrealisavel. A cantiga diz:

Ha silvas que dão amoras
E ha outras que não as dão...

Nós mudamos:

Ha homens que são sabujos
E ha outros que não o são...

E' assim! Muitos dos que gritavam contra o preço das passagens nos electricos, na rua, nos jornaes, em toda a parte, são agóra, que tem uma bella occasião de andar a pé, os primeiros a dizêr que não se pode passar sem elles!... Como se isto de andar de carro não seja um gosto muito dispensavel!

Em resumo: a nossa sympathia com os grévistas é franca, porque sempre sympathisámos com a gente que vae direita ás suas pretenções. Para a companhia vae uma parcella do nosso fel; em paga da attitude provocadora que tem tomado!

Pela humanidade

«Ao Cesar Parrot»

Que importa o estilhaçar sinistro da metralha,
Que corra em profuzão o sangue generoso,
Da grande legião humilde que trabalha
Em busca d'um porvir todo harmonioso?!...

Que importa que o burguez tiranico, ascoroso
Succumba, sem perdão, ás raivas da canalha?!
Se é inutil vulgar, um réles ocióso,
Que vive do suor do pobre que trabalha!

O que importa o rugir da grande tempestade,
Que ha-de vir derruir a velha sociedade,
Onde floresce o mal em todo o seu vigor?!...

Não canceis de lutar, ó novas gerações!
A guerra pela paz! Derrubem-se as prisões!
Jorre em ondas de luz o fraternal amor!...

Porto 1912. *Alice de Lúz.*

CAROÇO

Entre os deputados que rejeitaram a moção de confiança ao governo, vemos o sr. Velêz Caroço.

E' de presumir que este *caroço* não tenha dado por óra bom *fructo*...

Os grandes magicos

13.º C. G.

Eleito deputado pelo Algarve, elle tem no Parlamento sabido distinguir-se dos collegas. Pela sua inteligencia? Pela sua capacidade?

Não! Pela sua... verborrhea asnática!

Emulo de Walter e Tonitoff, apreciádos *clons*, elle faz que, com as suas permanentes *bojárdas*, os collegas, passem toda a sessão em que fale, a rirem ás gargalhadas!

Effectivamente teem razão!

Ouvirem um »discurso« d'aquelle »monsieur« e não se pôrem em hilariedade, seria demonstrarem que ainda eram mais... »asnos« que elle.

Por isso não admira que alguns Paes da Patria, tenham que por vezes, desapertár a »berguilha«, para não arrebentarem a rir!

Causando pois, a hilariedade elle é tambem... grotesco. quando, envergando uma «esterlicada» casaquinha, se assemelha a um qualquer... Ravachol da feira d'Alcantara!

Não obstante tudo isto, elle julga ser uma grande »cabeça« e a próva é velo, berrar, gesticular, ameaçár e barafustar, quando algum cidadão fala na sua pessoa!

Coitado! Supõe-se uma mentalidade comtemporanea e não passa de um reles... algarvio que fallando muito está mesmo a pedir que lhe metam... alfarroba pela boca abaixo!

No tempo da Monarchia ninguem o conhecia, hoje não ha ninguem que o não saiba distinguir dos restantes animaes... racionaes!

Apesar de tudo elle conseguiu o seu fito: A celebridade!

Mas que celebridade!

Celebridade de grotesco e ridiculo! Pobre »leader« das... evoluções! O teu fim ha de ser deveras cavernôso! Lembra-te que tu, oh ente sobrenatural! tu, has-de morrer... para deixares de vivêr!!!

Luiz Ferreira. *(Lambisgoia.)*

Nota.— Aos meus leitores peço desculpa das involuntarias gralhas que sahiram no meu »Magico« passado.

L. F. *Lambisgoia*

Venha o rigor!!

Vae por ahi uma barafunda infernal, só porque se diz que vão ser dadas instrucções rigorosas para que se cumpra com a lei de imprensa.

Venham essas ordens porque não nos estorvarão de dizermos sempre:

Quando terminam os arrolamentos aos paços reaes? E' isto moralidade?

Quando regressam de Roma, os **patriotas** e **devotados** republicanos que ali estão fazendo o arrolamento a Santo Antonio dos Portuguezes? Acima da lei, acima da força que é a suprema lei, está a moralidade e não largaremos de mão o assumpto custe o que custar.

Os famintos, passam noites em claro no arduo serviço de vigilancia para bem da Republica e sem o mais rudimentar conforto em casa, os *grands seigneurs* em nome da Liberdade, Egualdade e Fraternidade, vão gosando e enchendo o insaciavel estomago. Venha a lei com os seus rigores.

PORTUGAL NOVO

I

Foi ali n'um Alfarrabista da cidade baixa, d'esta Lisboa rainha do Oceano, que o marmore e granito imortalisa e se deixa cantar pelo estro sublime do poeta—que fomos desencantar um dos mais fecundos, eruditos e notaveis trabalhos contemporaneos—*Synthese Historica,* banho de que tanto necessita o povo tão divorciado da evolução social e amantisado com a mentira, tão cego pela religião da idolatria e tão inimigo d'esse sublime diamante d'onde dimana a luz divina da instrucção!

Que importa o riso escarninho do sceptico, que importa a facada sybilina do jornalista—porque não puxamos á carroça dos Archimedes varios que tomaram o paiz como a sua alavanca de conquista, se acima d'essas miserias sociaes, está a maior das aspirações da humanidade—a revolução dos ideaes!? Substituiremos a nossa fastidiosa prosa, pelas lições que lhes vamos apresentar do bello escorço da evolução social portugueza e que uma das nossas maiores cerebrações e sociologista, apresentou em 1901, e que tem, no actual periodo historico que vimos atravessando, o mais intrinseco valor.

Começa assim o grande sociologista de quem daremos o nome em breve:

Quasi oito seculos estão decorridos depois que um guerreiro ambicioso e audaz, aproveitando habilmente as tendencias separatistas, então preponderantes na peninsula hispanica, conseguiu talhar, para si e seus descendentes, um reino na orla mais occidental da Hespanha. Portugal foi esse reino que, por multiplas causas cuja enumeração n'este logar seria, alem de importuna, fastidiosa, se desenvolveu de tal fórma que, constituindo um fundo proprio de tradicções e interesses, alcançou o poder transformar-se n'uma nacionalidade autonoma e viril.

Muitos foram os prelios que a nova nacionalidade, tendo então o seu mais firme esteio na realeza, houve de sustentar, especialmente contra as tendencias, caracterisadamente absorptoras do clero appoiado em todas as suas exigencias e pretenções pela curia romana. Só a rude valentia e a inegualavel tenacidade dos primeiros reis podiam ter resistido com vantagens aos immoderados desejos de supremacia do papado, n'essa epocha, potencia de auctoridade real e effectiva, se bem que já tambem, embora mal definidos, começassem de apparecer por toda a christandade protestos mais ou menos violentos contra o representante de S. Pedro, protestos estes constitutivos de pródomos inilludiveis da derrocada que ameaça o poder papal.

Foi D. Diniz o primeiro monarcha portuguez que, sem receiar as luctas com Roma, nem os effeitos das excommunhões ahi fulminadas, poude, livremente e sem peias, entregar-se de alma e coração ao desenvolvimento artistico, intellectual, commercial e agricola do nosso paiz. Os cancioneiros dos tempos dyonisicos, todos elles cheios da mais ingenua poesia lyrica, a fundação da Universidade, o estabelecimento da bolsa do Porto, as concessões feitas aos constructores e proprietarios de barcos, o pinhal de Leiria, a fixação das dunas e arroteamento das terras incultas, são factos que em sua realidade e nudesa confirmam bem claramente a nossa asserção.

Com vento galerno e de feição foi vogando prosperamente a nossa nacionalidade até encontrar o primeiro escolho que esteve a ponto de faze-la sossobrar, se o sentimento nacional não fôra já tão robustecido que poude sustentar as rapaziadas epicas, na feliz expressão de Oliveira Martins, de João I e Nuno Alvarez Pereira contra Castellá. Passado o contra-tempo, transbordando da actividade nervosa que nos distingue, religiosos como todos o eram n'essa epocha, mas não fanaticos, conseguimos ir cumprindo a nossa missão historica de phenicios do occidente europeu.

Se bem que a igreja gozasse de extraordinarios privilegios e isenções, não é menos certo que, sempre que os seus representantes ousavam, ou pretendiam, impôr-se, recebiam como punição o aprisionamento, e quiçá a morte, do bispo d'Evora D. Garcia de Menezes, ou o exilio forçado do cardeal d'Alpedrinha. Appoiado no povo, cujo auxilio carecia para tornar-se senhor absoluto contra as exigencias dos magnates, quer do clero, quer da nobreza, D. João II poude, depois de haver esmagado pelo punhal e pelo cadafalso as tentativas de revolta do duque de Vizeu e do duque de Bragança, entregar-se á livre expansão dos portuguêses nas terras a descobrir e preparar a rota maritima da India.

Livre de preoccupações theologicas, o que tão galhardamente combatera em Toro, como principe, soube agora, como politico habil, receber os judeus estupidamente expulsos de Hespanha, captando assim uma população laboriosa e rica, cuja influencia, se mais duradora houvera sido, certamente fôra farto manancial de riquezas para o país.

Chegamos agora ao periodo aureo da nossa vida historica: a imbecilidade e as tendencias para o fanatismo de D. Manuel iam, porém, abrindo já a vereda para o embrutecimento e para a, deste consequencia logica e fatal, morte moral da nação. O rei que com justiça outro nome não merece se não o de *Venturoso*, ao passo que desprezava e pagava com o olvido da ingratidão os serviços grandemente nobres, as façanhas extraordinariamente epicas dos Albuquerques, dos Castros e dos Almeidas, vergava-se, qual fragil vime, ás mãos de sua esposa, princeza hespanhola fanatica, já presa da infame intolerancia que o tetrico assassino de sotaina, Torquemada, soubera impôr na côrte dos reis catholicos. Assim, o imbecil que em nada presava os altos interesses da patria, o nullo que a sorte guindára ao throno, guiado pela intolerancia inoculada por sua esposa, expulsou dos seus territorios a gente judaica, roubando desta fórma ao pais, que mais não fôra, a gloria de servir de berço a Spinosa, o grande philosopho e profundo pensador que, pelo seu amor ás ideias emancipadoras do espirito humano, tão grande lustre deu á Hollanda, terra então refugio sacratissimo de quantos o fanatismo religioso perseguia. As nuvens mais caliginosas foram condensando-se e este bello ceu de Portugal conseguiu emfim ver subir da terra, por entre a grita duma côrte estupida e dum populacho fanatisado e bestealisado, os desesperos lancinantes das victimas, misturados com o crepitar horrivel dos tóros alcatroados, consumindo em suas chammas os miseros cujo delicto era não acceitarem a divindade de Christo.

A Inquisição estabelecera-se em terras portuguezas; quasi simultaneamente aqui baixaram vôo os jesuitas, ha pouco organizados para defeza do papado contra o protestantismo que ameaçava conquistar toda a christandade para escoras da servidão contra o espirito sagrado da libertação, que, começando por proclamar a liberdade religiosa, devia de coroar-se com a proclamação da liberdade politica e civil e dos direitos do homem.»

Como nos é grato mecher em escrinios d'este quilate d'onde não nos sae o vespeiro rabido da politica nem a prosa d'onde escorre a protervia que envenena o povo e que julga a todos pela mesma bitola!—aqui fica a primeira lição do *»Portugal Novo,»* e os que sejam homens de principios e saibam definil-os, que nos julgem a intenção de bem servir a grande, a unica revolução—a revolução dos ideaes.

R. Laranjeira

Ao meu amor

IX

O' Balbina Pencuda, diz-me cá:
Quem era aquelle typo afidalgado,
Que hontem pela tardinha no Chiado
Te disse: Vae andando que eu vou já.

Acaso tu não m'amas só a mim?
Não és a minh'amante idolatrada?
Não és o meu ditoso cherubim?
Não és a minha gaja, toda inchada?

Então o que foi isso? essa loucura?
Acaso já não presta o meu amôr?
Então já não terei essa ventura,
De ser o teu amado trovador?

Que gaja original! Eu nunca vi...
Dizia que m'amava e não m'amou!...
Está bem, nunca mais me fio em ti...
Pois vae aquella parte...onde não vou...

Então não ves soffrer meu coração...
Não ves chorar as pedras da calçada...
Pois digo-te: Não vales um tostão,
Minha rata pelada!!...

Dante (Cesar Parrot).

AS MINHAS NOTAS

O tal ... Barbosa

A chafarica dos catolicos dos anjos, onde S. Pedro colocou sob a sua guarda uma leva... de condenados a servir a Deus, causou ultimamente no populoso bairro um tumulto assustador, de arruaceiros, de frequentadores de alfurjas.

D. Manuel viveu no espirito dos mancebos da juventude durante alguns momentos, e a sua figura amaricada surgiu como visão aos esganiçados entusiastas da realeza.

Todos os jornaes contaram o caso, e a cidade mais uma vez se convenceu que o inimigo está dentro do paiz, e que os olhos são poucos para topar com elle. Vive na sombra emquanto a policia o não levar para a... *sombra!*

A *Republica* evolucionista contava o caso com um certo mau genio, e ainda mais, má educação. Mal informada decerto, referia se ella ao animatographo como pertencente ás dependencias da associação catolica, apontando aquella casa de espectaculos como casa... de malta reacionaria.

E n'um gesto de desprezo, de arrogancia... politica, apontava esse animatographo como sendo propriedade de um... tal Barbosa! da mesma forma como se noticiasse o roubo feito por um tal Chico... das pêgas... habitué de taberna.

E' que o jornal Republica, de que é proprietario um tal... Dr. Antonio José de Almeida desconhece que esse tal Barbosa é primeiro tenente da Armada, essa armada que fez s. Ex.ª ministro do governo Provisorio, tenente que jurou defender a Republica mas que não se comprometeu a ficar sem inquilino para a sua casa, alugando o que lhe pertence a quem pague a respectiva renda!

Só a cidade?

A revolução fez-se em Lisboa, e o paiz recebeu a noticia com os braços cruzados. Pouco mais ou menos foi isto o que o Dr. Brito Camacho apontou ao mundo n'um artigo recente.

Os grandes homens sofrem de quando em quando varias transformações... intelectuaes! e as suas palavras, que valem para o povo como outr'óra, antes da separação, o evangelho, ecoam por ahi alem e são commentadas e discutidas.

A afirmação do Dr. Camacho pode afoitamente alcunhar-se de asneira politica, e sua Ex.ª podia pagar a imprudencia se não conhecesse bem o povo para quem escreve.

A 50 reis a gróza.

Rolhas? não.

Versos. Versos a 50 reis a groza.

Tal é o que li n'um annuncio do Diario de Noticias. Poetas da minha terra!

Versos a 50 reis a groza!

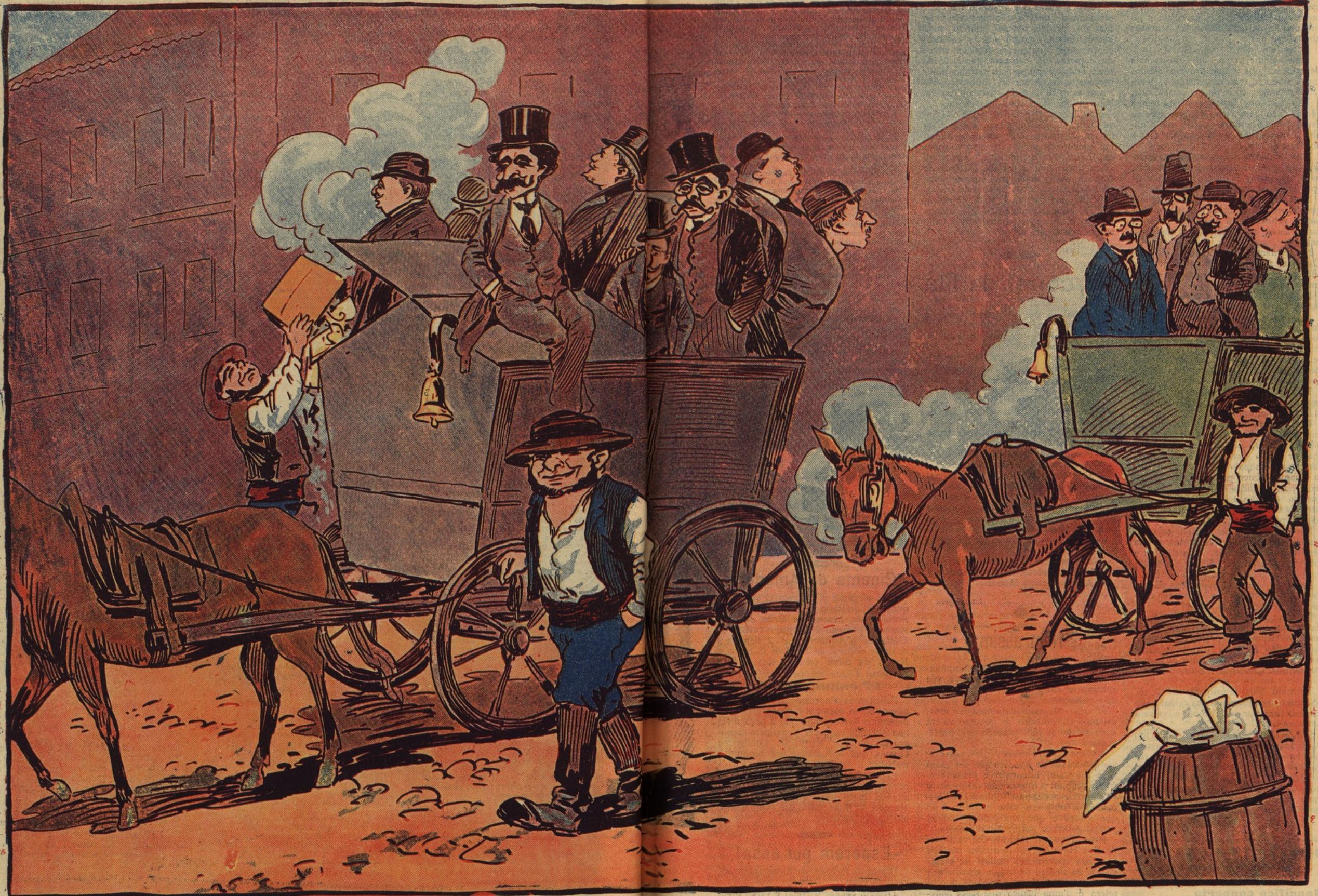
Não morreria de fome Camões, esse imortal cantor de todos os nossos feitos, e que hoje é ridicularisado pelo talento brilhante do Sr. Schwalbach na sua revista, se no seu tempo vendesse a 50 reis a groza, os cantos do seu poema!

Não chegavam até nós os seus versos elevados de patriotismo enternecedor, bem sei, mas não sofria essa gloriosa obra *engraçadissimos*...tratos que o povo, por elle cantado, aplica ao poema e ao epico!

Ferros a 50 reis a groza!

Ou do João Maria Sevilha ou do poeta-reclamista Ravix, da Novidade!

Vinicio

ISTO É QUE É CHIC!

Devido á falta de carros electricos, a Camara Municipal poz á disposição dosprresentantes da nação, as suas luxuosas carruagens.

Notas d'um bufo

Respondendo.— Varios individuos que se intitulam meus amigos, mas que na minha ausencia se entreteem, pondo-me em ridiculo, teem ultimamente descido ás mais ascorosas abjecções.

Entendamo-nos.

Ultimamente, com uma insistencia deveras suspeita e que provem d'odios mal contidos, varios individuos, teem feito propalár entre outras coisas, que: »Eu sou um idiota, que esta minha sécção não tem verve alguma, que eu estou prejudicando o jornal, que a minha competencia para analisar fáctos politicos é nula. etc, etc,!

Pois bem. Desafio »todos« esses mastins que me estão ladrando ás canellas, para que bem publicamente façam as apreciações a meu respeito!

Sim! Desafio, esses falsos amigos a que saiam da escuridão onde se occultam e venham para onde haja bastante luz fazerem as apreciações a meu respeito!

No emtanto, como isto é ridiculo! Como se eu, pobre pygmeu, podesse offuscar esses »patuscos« transformados em meus censôres!

Desgraçados! Como a vossa ruim alma se patenteia bem visivel!

Mas eu vos juro; Emquanto a estima do director d'este jornal me permitir collaborar n'elle e a luz da razão illuminar o meu espirito, eu vos juro oh, pedantes, continuar escrevendo esta minha secção, ou outra que a substitua!

Náda me faz acobardar, mas muito menos, a inveja e a intriga de lupanar!

E por hoje, basta!

Não concordo! Respondendo ao que eu aqui disse sobre Camara Reis, Bacteriologista, não só insiste em lhe chamar »rêz« como tambem diz que elle é um «animal» que dá dentada para deante, couce para traz, bába e esterco para os lados e pestilencia em todos os sentidos«! Não concordo, porque Camara Reis, não é »tanto animal como o pretendem fazer passár.

Não quer isto dizer que elle seja um »cerebro possante«! Não! Mas o que não ha duvida é que, é inteligente e sobretudo serio! A não sêr que esteja »enganado« n'este meu modo de vêr...

Mas não creio! Camara Reis não dá coices, nem cheira mal! Deve sêr confusão do meu presado colega!

E antes de terminar, cumpre-me declarár que »nunca« disse que *rêz* significava animal corpolento. O que eu disse e digo é que se costuma *applicar* essa palavra a animaes *mais ou menos corpulentos*. Creio que faz sua differença...

Termino, pois, regosijando me de têr discutido com um dos meus colegas que *sabendo escrever* dá brilho, e honra á este semanário.

Sim, porque debaixo do pseudonymo *Bacteriologista* está um homem illustre, que ha muito estaria glorificado, se em Portugal não se fizesse *luxo* em elevar nulidades e pôr de parte, homens de indiscutivel valôr, entre os quaes se conta o meu presádo e sem duvida superior colega *Bacteriologista*.

Lambisgoia

Nascimento Fernandes

E' um dos mais populares e queridos artistas da geração moderna.

Toda a gente ri e gosa, quando elle, olvidado de toda a realidade da vida, faz do proscenio um mundo todo seu de infinita gargalhada e tambem chora como qualquer mortal em nome da comedia na comedia que é a vida real! Todos o tratam com carinho, amor mesmo e fraternal; as multidões são assim para os comicos, para os que sabem rir quando a alma lhes chora.

Nascimento Fernandes, o famoso Savalidade, o incomparavel e sem rival na sua terra que é Portugal, no difficilimo genero de artista buffo só vulgares em Italia, faz a sua festa na proxima sexta-feira, com a revista *O Preto no Branco*, onde mais uma vez demonstrou quanto vale o seu talento de artista.

E' de augurar uma noite de triumpho e para complemento, lá iremos abraçar o impagavel comediante e bello amigo que é para todos.

Ao correr da fita

—Afinal, quando é o seu passeio a Cintra, Sr. Francisco?

—No domingo, menina Maria...

—E vae sósinho?

—Não, vou eu, a mulher, os dois rapazes, a Felisberta e as minhas duas sobrinhas...

—Bravo! Grande pandega! Por pouco, não enchem o comboio!...

—O comboio?! Nós não vamos de comboio, mas de »charrete«!

—Ah sim?! E cabem todos dentro d'ella?...

—Porque não havêmos de cabêr?

—A »charrete«, é tão pequena...

—Qual pequena! Ainda há-de sobrar espáço! Olhe: A Felisberta vae ao lado do cocheiro, os dois rapazes n'um dos bancos dos lados, as minhas sobrinhas e a mulher no outro banco e... aqui está como todos cabem!

—E o senhor? Só se fôr no banco de traz...

—Exactamente! Eu vou atraz!!

—Então... adeus. Sr. Francisco!

—Adeus, menina Maria!...

Lambisgoia.

Nem assim

Dizem e já se cantam arias triumphantes, que o sr. Ministro da Justiça, vae apresentar um projecto de lei, reprimindo a vadiagem.

E' uma das mais uteis medidas mas, estamos convencidos de que não valerá nada tal lei se fôr aprovada pelo parlamento.

Os mais perniciosos vadios, são certas quadrilhas de *apaches* que por essas ruas insultam, diffamam e pelos theatros occupam a missão de claqueurs e se dizem carbonarios, republicanos historicos e ninguem sabe como nem do que vivem e que em plenas ruas da capital assaltam pacificos transeuntes.

Parece, que os registos dos cartorios da Boa Hora, seriam o melhor *medium* para um apuramento radical de certos vadios de chapeu de côco e gravata que são a vergonha d'uma sociedade que os tolera e d'uma justiça que tanta benevolencia lhes dispensa.

Ao microscopio

Lá foi abaixo mais um governo da Republica. Este é já o terceiro que sossobra nas agitadas aguas da politica, a pouco mais de anno e meio da implantação do novo regimen! Tão estranho acontecimento prova uma de duas coisas: falta de competencia dos ministros ou ausencia de juizo nos partidos que os amparam.

—O Miranda do Valle, com aquella gracinha que apanha do Brito Camacho, quando lhe vae receber os recados, quiz, ha dias, dar uma roda de animalejo ao Faustino da Fonseca, e, então, lembrou-se de receitar umas porcarias quaesquer para afinar o orgão da eloquencia do illustre senador, que ultimamente desafinára em serviço do odio á propriedade e ao bom senso..

E o papalvo mandou aviar a receita, esperando uma cura identica á que aquelle veterinario lhe produziu no gato!...

Isto é absolutamente authentico!

—O José de Magalhães escreveu ha dias na *Dança da Lucta* um artigo acerca da crise dos espiritos.

Não ha duvida de que disse algumas verdades, como punhos; mas o peor é que não tem auctoridade alguma para as proclamar, porque elle constitue um dos mais caracteristicos symptomas d'essa mesma crise. Assim, basta ver o dogmatismo insolente e o tom altaneiro com que pontifica naquelle antro de odio. E ouse qualquer pobre mortal duvidar da sua infallibilidade ou repellir as mentiras a que elle malevolamente recorre para commodidade da sua logica, que immediatamente será fulminado pelos raios d'esse Jupiter negro!...

—Em vez de se dar subsidio aos deputados, devia-se-lhe impôr multa por cada sessão que houvesse de realisar-se alem do periodo constitucional. Ver-se-hia como elles aproveitariam melhor o tempo!

—Um jornal amofinou-se todo porque lhe constou que ha em Lisboa uma casa onde se exhibem fitas animatographicas, altamente brejeiras. Esse jornal, para ser coherente, tambem deveria protestar contra a venda dos *cinturões electricos*... Deixe lá cada um procurar os estimulantes que mais lhe agradam!...

—A' ultima hora acabâmos de saber que o novo ministerio ficou assim constituido: presidencia e interior, o gato do Diavolo da Fonseca; finanças, o borrego do Possidonio Paes; colonias, o chimpanzé do José de Magalhães; justiça, o kágado do Moreira d'Almeida; estrangeiros, o burro do Accacio de Paiva; fomento, a serpente do Brito Camacho; guerra e marinha, o Camara *Rez*.

E agora os partidos que se atrevam com tal ministerio!...

Bacteriologista

EPITAPHIO

Aqui jaz Ignez Maria,
Um alentado peixão;
Fez a fortuna da tia
A fazer *roscas*...de pão.

Zé pequeno

Cinema da Amadora

Este elegante e confortavel salão, de que é proprietario o nosso bom amigo Antonio de Macedo e Brito, levou á scena no passado domingo, a revista de *Costumes d'Amadora* em 2 actos e 4 quadros original de Raul de Campos e Nunes da Silva com musica de Juca Martins.

E' esmagador!...

Felicitamos sinceramente a empresa assim como auctores e interpretes pelo magnifico desempenho que a peça teve, não devendo esquecer o distincto scenographo amador Ex.mo Sr. Guilherme Gomes que apresentou um magnifico trabalho.

Fazemos os mais sinceros votos pelas prosperidades do novo theatrinho, felicitando mais uma vez o nosso amigo Macedo e Brito pela sua sympathia e inteligente iniciativa.

Esperem por essa!

Dizem os jornaes que ha completo socego no Perú.

Deixem chegar o Natal e verão o socego. E' socego de pescoço cortado!...

Pontas de fôgo...

O nosso grande artista Leal da Camara, n'uma conferencia sobre arte, que fez em S. Carlos, disse que o riso entre nós vae atravessaruma desoladora decadencia.

Recordando com saudade o nome do inimitável Bordalo Pinheiro, ele frisou que em Portugal, a politica, açambarcando tudo, nem já ao menos dá motivo ao caricaturista para uma *charge* com piada.

E é uma verdade.

Ainda outro dia se abriu ao publico uma exposição de caricaturas.

A maioria dos expositores eram rapazes novos e parece, portanto, que dos seus trabalhos se devia evolar qualquer coisa de graça e da frescura da mocidade...

Pois não, senhores. Entrava-se ali e tinha-se a impressão de que atravessamos as salas graves da Academia das Sciencias, tal era a semsaboria dos quadros expostos.

Isto faz pena, com franqueza.

Já o Eça de Queiroz, pensando em compôr um estudo sobre a *Psycologia da macambuzice contemporanea*, dizia com muito criterio:

»Ninguem ri — e ninguem quer rir. Temos todos o indefinido sentimento de que o riso estridente e claro destôa na atmosfera moral do nosso tempo. O rir de Luthero, que se ouvia ao fim das longas ruas de Wormes; o rir do grande Leonardo de Vinci, »que fazia tremer os marmores«, seriam hoje actos de impertinencia e de irreverencia. Que olhares de surpreza e censura não provoca, em uma multidão, em um theatro, alguma gargalhada que tenha ainda, por acaso, o brilhante e são retinir do riso antigo!

Cousa monstruosa!

Nós ensinamos aos nossos filhos a supressão disciplinar do riso! »Filho, que risada essa! Tem juiso! Não rias assim!«...

Bolas para a tradicional alegria portugueza!

Da *Lucta*

Um syndicato

Todos os aleijados da Allemanha vão reunir-se em congresso no mez corrente. O que pretendem? Dizem os jornaes que pretendem formar uma associação de classe, por maneira que os não explorem a baixo preço nas feiras.

Poderão fazer parte da associação não apenas os aleijados, mas todos os mostrengos de qualquer genero e especie, sendo considerados socios de merito os tão disformes que não tenham ponta por onde se lhes pegue — salvo seja.

E depois de terem formado a tal associação, aqui lhes declaro, pôem-se em greve.

E' mais que certo!...

E se não veremos...

Camões, o Principe dos poetas portuguezes, vae ter uma estatua em Paris!

Gloria ao genio!

A' inauguração assiste toda a *élite* dos intellectuaes francezes. Inscritos como oradores mencionam os jornaes:

O grande poeta Jean Richepin, em nome da Academia Franceza; Paul Brulat, em nome da Société des Gens de Lettres; Sebastien Charles Leconte, em nome dos Poetas Francezes; o dr. Dumas, em nome da Faculdade das Lettras da Sorbone; o proffessor Martinenche, em nome do Grupo das Universidades Latinas; o presidente da Associação de Critica e presidente da Sociedade Victor Hugo, o sr. Camile Le Senne; Maxime Formont, em nome da »Société des Etudes Portugaises«, e Jules Bois, em nome do «comité» do monumento.

Somos informados á ultima hora, que dois mimosos poetas portuguezes irão tambem expressamente á grande capital da França: Eduardo Metzner e João Maria Ferreira.

O primeiro lerá aos parisienses o seu poema »Camões ã fome«, e o segundo recitará, a pedido, o seguinte soneto:

Camões, grande Camões quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Como tu, é dos livros, eu versejo,
Ando a pé, a cavallo, e sou galante.

Como tu, eu tambem já fui estudante,
Já cantei n'um poema o lindo Tejo,
E ha muito, ha muito que eu em vão forsêjo
por ser tambem *zarôlho*, alto gigante!

Como tu, n'esta vida transitoria,
Eu sigo atraz da musa predilecta,
A procurar, em sonhos, a victoria.

Modelo meu tu és!.. Mas oh poeta!—
Se com um olho só venceste a gloria,
Eu, tendo dois, não passo d'um pateta!...

Um redactor da *Capital*, entrevistando a ilustre jornalista D. Virginia Quaresma, perguntou-lhe que opinião professava ácerca das escritôras portuguesas da nova geração. D. Virginia respondeu:

Na nova, excluindo raros nomes que se impõem, não vejo quem possa deixar alguma coisa parecida com uma obra. A quasi todas falta uma orientação, pois o tempo que deviam empregar em adquirir uma solida cultura litteraria, desperdiçam-no armando ao reclamo, com futi idades que de nada valem e que para nada prestam. E a prova é esta: o publico conhece muitas escriptoras portuguezas; as bibliothecas, muito poucas.

Ora suponham por momentos que um homem se atrevia a dizer o mesmo da D. Virginia Quaresma?!

Era um homem ao mar...

Manuel Chagas (Pardielo)

Contos sem... juiso

Declaração amorosa

Um ricaço qualquer, rapaz novo ainda, sentia-se *babadinho* pelos encantos de uma pequena já grande, que via passar diariamente, na rua onde habitava, em direcção ao seu atelier de modista. Sentia-se mesmo perdidinho de amores por aquelle bom e appettitoso boccado que elle acompanhava com as meninas dos seus olhos em todo o percurso ao seu alcance, em quanto ella com os olhos fitos no chão disfarçava reparar.

Um dia resolveu decididamente ir ao seu encontro, fasê la sciente de que a amava, e fel-o nos seguintes termos:

Ex.ma S.ra

A convite da sua muita sympathia e provocante formosura, venho hoje á sua presença, por não poder resistir mais tempo, confessar-lhe que a amo na mais aguda fazedo amor!.. A contar... (caibros á casa, naturalmente) da data em que pela primeira vez a vi tem sido para mim a vida um constante pesadelo... de que espero me allivie. Venho, portanto, implorar de V. Ex.a a retribuição do meu amor que espero me não será negado...

Ella com um sorriso ironico respondeu-lhe:

Não posso acceitar... Nosso Senhor Affonso Costa o favorêça...

L. V. (Pederneira)

Gatunagem

Os gatunos assaltaram mais uma ourivesaria e palmaram 4 contos de réis.

Estes reverendissimos malandros é que não se lembram de fazêr gréve!

Fadinho.

Palavrinhas amorosas,
maviosas,
ardilosas,
Gostam as damas de ouvir.
Verdades duras, crueis,
se as dizeis,
vê-las-heis
Pressurosas a fugir.
A' mulher apetecida,
prometida,
que na vida
Despertou maior paixão,
Nunca digas teu sentir,
que a mentir,
sempre a rir,
Te-la-hás á discrição.

Zé pequeno

Pi, pi, pi, pó, pi, pi, ri, pi.

... Muito calor, pouca terra, muito calor, pouca terra.... muito calor. pouca terra...

Foi no dia tantos ás 22 horas e 10 minutos que partimos da terra do carapau de gato para Aveiro, terra de que nos diziam maravilhas das suas cachopas, ovos moles e mexilhão. Apeamo-nos na estação ás 5, horas 40 minutos depois de uma viagem de sardinha em tigela com um fulano que resonava de assobio que quasi assobiava a Portugueza, uma dama que só falava nas prendas das filhas (talvez esperasse arranjar ahi casamento) e uma outra de volta e meia cahia nos braços de Morpheu mas os meus é que tinham de aguentar. Foi com esta ultima que mettemos conversa puxando-lhe a lingua n'uma estação perguntando onde estavamos. Mas, oh! ceus, que fomos fazer que o raio da mulher nunca mais se calou, creio que ainda está a falar sem ter parado um segundo, e então ella que era d'estas de fazer as perguntas e responder ella mesmo.

O raio da mulher ..

Mas alguma cousa ella disse que possa interessar os nossos leitores e por isso nós n'ella falamos. Vinha de Lisboa e ia para Ovar. Ora veja-se a data de assumptos sobre que ella nos «injectou»: preço do bacalhau, os novos fardamentos, exposição de pintura, a perda do S. Raphael, o tremor de terra que deitou abaixo Benavente. os ursos do polo norte, theatros, a vida dos pelles vermelhas, a guerra italo-turca, o mar Caspio, o incendio da Magdalena, o Pintor, a ponte sobre o Tejo, o naufragio do Titanic, a abertura da estação de verão do Grandella, o Machado Santos, aparos, espelhos, frigideiras, tachos panelas, e mais utensilios de cosinha, raças de cavallos. a comunma, a partida do Ex.mo Sr. Dr. Bernardino Machado para as terras di lá, penteados, musica da guarda republicana, papel de carta, machinas debulhadoras e sapatos. Aqui sahimos do comboio e ainda bem porque la com coiros não nos sentimos muito bem?

De todo aquelle arrazoado uma coisa ha sobre que é interessante vêr o que ella nos disse e é o theatro. Em poucas palavras vêde o que ouvimos:

| Que no **Apollo** a revista Preto no branco faz carreira isso devido á sua muita graça, bonita musica e ao Nascimento Fernandes; que no **Rua dos Condes** tambem a revista tem dado bôas casas sendo muito engraçadinho e comodo ir lá por haver duas sessões por noite; que no **Avenida** a revista **Có-có-ró-có** não é gallo, é gallinha para o empresario que vê sempre a casa cheia; que no **Colyseu dos Recreios** Watry, o imcomparavel illusionista, delicia o publico com a perfeição das suas sortes, em especiál a mala mysteriosa e o gabinete mysterioso, Miss May e C.a nos seus trabalhos de *jonglage*, são d'uma rigorosa perfeição; que no **Edison Theatro** a revista *Ena pae!* vae fazendo carreira; e que finalmente no **Salão Olympia**, no **Salão da Trindade**, no **Chiado Terrasse**, no **Salão Central**, no *Salão dos Anjos*, no *Estephania Terrasse* e no *Grande Salão Foz* se passam bons boccadinhos.

E eis o que de interessante nos disse a *madame*.

Zé. Pimentai

JUVENTUDE... CATHOLICA

Estando o Farinha
A prégar no Borralho,
Se não se abaixa,
Ficava um frangalho...

Salta-lhe um bispo,
Thalassa a valer,
E nun xe xabe
O que ell's foram fazer...
Ion! Ion! Ion!